

ELEGIA
NA MORTE
DO
SERENISSIMO SENHOR
D. JOZÉ
PRINCIPE DO BRAZIL.

POR
THEODORO DE SOUSA MALDONADO
da Arcadia Portuense , e Bacharel Formado
nas Sciencias Mathematicas.



PORTO,
Na Officina de Antonio Alvarez Ribeiro,
Anno de 1788.

*Com licença da Real Mesa da Commissão Geral sobre o
Exame , e Censura dos Livros.*

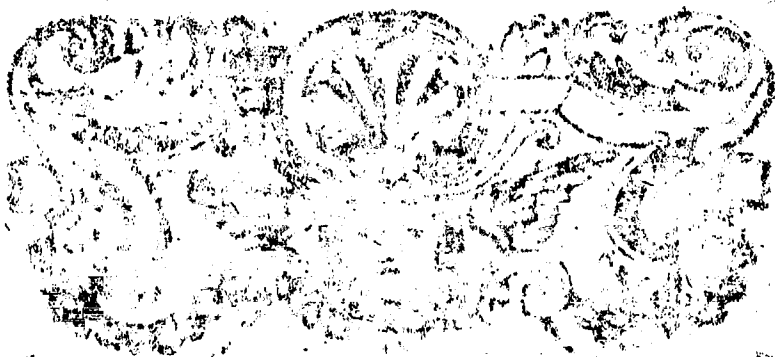
Vende-se na mesma Officina na rua de S. Miguel, nas casas N.º 260.

SERENISSIMO SENHOR

PRINCIPAL DO BRASIL

THEODORO DE SOUZA MALLDORADO

da Academia Portense, e Bacharel Honorário
das Sciencias Mathematicas.



P O R T O

Na Officina de Antonio Alvares Ribeiro,

Anno de 1788.

Com licença da Real Mesa da Commissão Geral sobre
Exames, e Confirmação dos Livros.

Verdadeira e propria Officina de Impressão, e de

(3)

ELEGIA.

Faculdade de Filosofia

Ciências e Letras

Biblioteca Central



Ortugal infeliz , luto pezado
Venha cubrir as gálas sumptuosas
D'hum feliz nascimento dezejado ,
Das Nupcias venturosas ,
Que as tres filhas de Themis triunfáraõ
Do Principe , que as Graças embaláraõ
E tanto s'atrevêraõ ,
Que os vivas em suspiros convertêraõ !

Vós filhas da Memoria , que algum dia
Tecestes em obléquios mil louvores ,
Hoje vinde fazer-me companhia
Nos tristes dissabores ;
E mudando-se o louro em amaranto
Em lagrimas se troque o antigo canto,
Que mágoa inextinguivel
He só fructo de perda taõ sensivel.

Triste

Tristes imagens, lúgubres idéas
 A' minha alma cançada s'apresentaõ!
 O esqueleto da Morte, as sombras féas
 A meos olhos s'ostentaõ
 Eu vejo o Real aço guarnecido
 De negros panos; fico espavorido!
 Hum chora, outro suspira
 Hum se queixa, outro clama, outro delira!

Augusta Mãe em lagrimas banhada,
 A triste Esposa, a lacrimosa Tia,
 Qualquer de viva dor he penetrada.
 Tem por fiel companhia
 O desgosto, o pezar, e a tristeza,
 Tributos desta fragil natureza!
 Que nem a Magestade
 Vive izenta das Leys da humanidade!

A Pompa funeral se me figura;
 Da Morte a rouca voz no bronze soa;
 Vejo o Féretro, e contra a Parca dura
 Clama toda Lisboa!
 Veloz corre a noticia ao Patrio Douro;
 Bem querem desterrar taõ triste agouro
 Spèranças lizongeias:
 Mas sempre as novas ruins são verdadeiras.
 Veri-

(5)

Verifica-se a perda, e geralmente
Pelo Regio Mandato não speraraõ,
Da saudade tocada a fiel gente
Todos luto cortáraõ ;
Cada qual do desgosto mostra o aspeto ;
Sacrificio leal d'hum puro affecção:
Porque a triste lembrança
Contava o fio á mais longa esperanza.

O Corpo Respeitavel do Senádo
Abre a Carta fatal, e absorto fica !
Olhos baixos, o rosto desmaiado,
A dor se justifica !
Exéquias sumptuosas celebráraõ,
Onde amor, e grandeza respiráraõ,
Sacrificios devidos
Aos Heróes desta sorte esclarecidos !

O Escravo, o Senhor, Plebêo, e Nobre,
Hum Vassallo não ha, que não lamente
O Douto, o Ignorante, o Rico, o Pobre
Suspira amargamente :
A Sábia Academia afflicta geme,
Marte perde o valor, confuzo teme
Por ver espavorido
Hum novo Heróe a cinzas reduzido.

No

(6)

No Principe as Sciencias hum Patrono
Possuião d'engenho em tudo raro,
Esforço o militar, commercio abono,
E a pobreza amparo :
As viúvas, e Orfaõs desgraçados
Por sua larga mão remediados;
O' quanto dezejáraõ
Esta vida, que os Fados lhes roubaraõ

Caducas esperanças enganosas,
Venturas desta vida, que fenecem!
Apparencias, idéas magestosas
Fogem, desaparecem!
Porque em bens, e fortunas desta lórte
Tem poder a Desgraça, o Tempo, a Morte!
Só ficaõ desenganos
P'ra confusão dos míseros humanos.

Justas queixas, porém soltas ao vento,
Queixas em vão; porque não recuperaõ
Hum Heróe do maior merecimento,
Que roubar-nos quizerão
As Parcas sanguinólas; já sem fructo
Das lagrimas pagamos o tributo,
E Providencia Santa
Lenitivo nos deixa em mágoa tanta.

A

(7)

A hum Principe justo, outro se segue
Fiel observador da Ley Divina;
Da virtude aos dictames sempre entregue
Somente se destina,
He só o digno objecto ao seu cuidado
Fazer o Reino bemaventurado,
D' Augusta M^{te} y faudosa,
E de todos esperança venturosa.

Suspendá-mos, ó Musas, o Lamentado,
Que o Principe feliz em segurança,
Triunfando do mundo fraudolento,
No Emphyreio descansa,
Onde o Eterno lhe concede, e doa
Outro Solio, outro Sceptro, outra Corôa,
E quanto mais brilhantes
As Estrellas, que os lucidos diamantes!

S O.

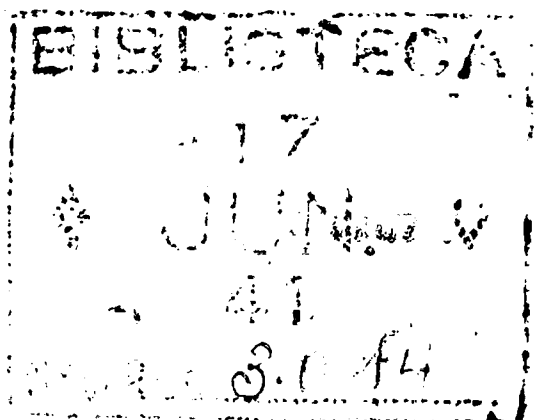
SONETO.

Que ventura pertende a humanidade!
 Se logo que a consegue, a tem perdida,
 E d'hum só golpe a Parca desabrida
 Vence gloria, esplendor, e Magestade!

Se o mundo póde ter felicidade,
 Parece deve ao Trono andar unida;
 Porém no melhor tempo falta a vida,
 E muitas vezes na florente idade!

Ouro, Gloria, Sciencia, Valentia
 Contra a Morte valer he puro engano;
 Pois contra a Morte nada tem valia!

Ninguém tinha poder mais Soberano,
 Ninguém mais do que o meu Heróe podia,
 Mas deixou-nos liçoens do delengano.



F I M.